

A recente crise financeira internacional e o emprego no Brasil, Santa Catarina e Criciúma

Murialdo Canto Gastaldon

Unesc – mcg@unesc.net

RESUMO

O artigo tem por objetivo comparar em que proporção a atual crise financeira internacional afetou o emprego no Brasil, em Santa Catarina e no município de Criciúma, com destaque para o comportamento da indústria. É uma crise considerada uma das maiores, senão a principal, desde a grande depressão dos anos 1930. Entre as suas consequências está a retração dos níveis de emprego nas várias atividades econômicas, porém não na mesma proporcionalidade. Há setores mais e outros menos afetados pela crise. A distribuição locacional desses setores leva a comportamentos distintos do nível emprego no espaço nacional. Os locais aonde as atividades mais resistentes à crise tem maiores pesos econômicos, são menos suscetíveis às variações negativas no emprego, ocorrendo o inverso também. Tomando essa suposição como premissa básica, o artigo aborda o comportamento do emprego no Brasil, em Santa Catarina e em Criciúma para três situações distintas entre dezembro de 2007 e janeiro de 2010. A primeira considera a evolução do emprego para os cinco macro-setores econômicos assim classificados pelo IBGE: indústria, construção civil, comércio, serviços e agropecuária. A segunda aborda o emprego na indústria e a terceira o emprego na indústria de transformação. Para cada situação se comparou o comportamento do mercado de trabalho a partir de dois interregnos de tempo: (i) dezembro de 2007 a dezembro de 2008 e (ii) entre janeiro de 2009 e janeiro de 2010. Conclui-se que, de maneira geral, o emprego em Criciúma e em Santa Catarina no segundo período, registra desempenho melhor que o nacional. Porém, na indústria, o comportamento nacional excede o estadual e este o local.

Palavras-chave: crise; emprego; indústria.

1. Introdução

Em relação à origem da atual crise financeira internacional, para Tavares (2009), desde a década de 1980, com início nos Estados Unidos, “a financeirização da riqueza passou a ser, [...] um padrão sistêmico globalizado em que a valorização e a concorrência no capitalismo operam sob a dominância da lógica financeira”. Entre várias outras consequências, a financeirização da economia nos Estados Unidos proporcionou aos americanos de renda mais baixa o sonho da casa própria, e aos de classe de cima o sonho da rentabilidade financeira (SICSÚ, 2009, p.49). O mercado hipotecário norte-americano se transformou numa grande fonte de derivativos, recepcionando parte do excesso de liquidez mundial. Ficou um mercado frágil constituído de tomadores de empréstimo, que não possuíam os requisitos básicos para

obtenção de um financiamento imobiliário. A renda dos tomadores não era compatível com as prestações da hipoteca, nem possuíam bens para apresentar como garantias. Num momento de menor crescimento econômico do país, a queda na demanda por imóveis restringiu as chances de refinanciamento e as taxas de inadimplência cresceram rapidamente.

A crise atingiu os Estados Unidos em 2007 e no segundo semestre de 2008 tomou proporções de forma alarmante (IPEA, 2009), chegando ao Brasil nessa data. Desde 1994, ou seja, do Plano Real aos dias atuais o Brasil, de acordo com a Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de Base (ABDIB, 2009), passou por seis grandes crises econômicas: do México (dezembro de 1994); da Ásia (outubro de 1997); da Rússia (setembro de 1998); do "Apagão" + Crise da Argentina (maio de 2001); efeitos da Transição Política (início em outubro de 2002) e; a atual crise financeira (início em setembro de 2008), que é a maior da nossa história recente.

Nos momentos de crise o desemprego se manifesta mais intensamente. Para Offe (1989, p.19), “as crises econômicas são caracterizadas pelo fato de gerarem desemprego e subemprego como fenômenos de massa”. Para a atual crise, de acordo com estimativas da Organização Mundial do Trabalho (OMT) segundo Blanco (2009, p.01):

Dentro do seu melhor cenário para o ano de 2009, o desemprego, no mundo pode chegar a 198 milhões de pessoas; no pior, pode ir a 230 milhões. A perda de empregos tem, dentro do mundo rico, sua situação mais grave nos Estados Unidos. [...] Relativamente aos países pobres e aos emergentes, o desemprego também os afeta de maneira marcante. Estimativas da OMT apontam para um aumento de 8 milhões de desempregados, indo para um total de 158 Milhões. No pior cenário a estimativa chega a um aumento de 32 milhões de desempregados no mundo pobre e emergente.

Uma crise no mercado de trabalho tem sérios impactos negativos. Brunhoff (1991, p.46) expõe alguns: “[...] Diminuição das compras dos consumidores, paralisação dos investimentos: a queda da rentabilidade, afetando o crescimento, endurecendo a concorrência [...]”. E ainda há de se considerar que elevados índices de desemprego são incompatíveis com a cidadania. Assis (2008, p. 52) entende que:

[...] O trabalho dignamente remunerado como direito básico de cidadania. É a contrapartida necessária do direito à propriedade privada. Na medida em que o trabalho remunerado é a única fonte de renda para o não proprietário, privá-lo deste direito o coloca numa posição de optar entre a indigência e a violência.

O trabalhador ao perder o emprego fica desprovido de sua fonte de renda, ou seja, o salário. Desse modo é colocado à margem do mercado e também da sociedade. Para o capitalista, embora geralmente não o perceba sob essa ótica, o desemprego crescente é um problema na proporção e medida que reduz a demanda efetiva da sociedade.

O objetivo deste artigo é analisar comparativamente em que proporção a atual crise vem afetando o emprego no Brasil, em Santa Catarina e no município de Criciúma, com destaque para o comportamento da indústria. Para tanto foram apuradas informações dos bancos de dados do Ministério do Trabalho e Emprego: Relatório Anual de Informação Social (RAIS) e Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (CAGED). A série de informações representa a evolução do saldo de empregos, ou seja, admissões menos demissões, de dezembro de 2007 a janeiro de 2010. São vinte e seis meses subdivididos em dois períodos iguais de tempo. O primeiro de dezembro de 2007 a dezembro de 2008 corresponde ao momento que antecede a crise e o seu surgimento. Em relação ao setor industrial conforme a ABDIB (2009), a crise atual, dentre as outras, foi a que mais o impactou negativamente. A produção industrial caiu 20,1% de setembro (início da crise) a dezembro de 2008 (quatro meses depois) em seu pior momento até agora. O segundo período se inicia logo a seguir, em janeiro de 2009, e se estende até janeiro de 2010 com a publicação dos últimos dados do Caged..

Na segunda seção está a evolução geral do saldo de empregos para o Brasil, Santa Catarina e Criciúma, estratificado pelos macro-setores econômicos conforme a classificação do IBGE. Na terceira seção segue-se na mesma lógica, evolução do saldo de emprego de dezembro de 2007 a janeiro de 2010, tendo a indústria por objeto de pesquisa. Na quarta seção esse raciocínio é aplicado para a indústria de transformação. A seção cinco conclui o artigo.

2. O mercado de trabalho e a recente crise internacional

No Brasil, conforme apontado na tabela 1, a população formalmente empregada está um pouco acima dos 40 milhões de trabalhadores. Ao se observar o total de empregados por setor, percebe-se que o setor agropecuário é o que menos emprega nos níveis local, estadual e nacional. Para o nível local, inclusive, sua participação é ínfima, mesmo sendo Criciúma uma cidade com alto grau de urbanização, o total de trabalhadores formalmente empregado na agropecuária mal passa de meia centena.

Tabela 01 - Total de empregados no mercado formal nacional, estadual e local conforme o setor econômico (Janeiro – 2010)

Setores	Brasil	Santa Catarina	Criciúma
Indústria	7.915.586	618.534	15.306
Construção Civil	2.047.372	78.564	2.682
Comércio	7.513.503	360.172	13.609
Serviços	21.370.626	736.439	22.985
Agropecuária	1.389.076	48.301	69
Total	40.236.163	1.842.010	54.651

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CAGED e da RAIS.

A maior concentração de empregos nos níveis nacional, estadual e local está no setor de serviços, que agrega os empregados da administração pública. Nos níveis local e estadual a despeito de o setor de serviços ser o que mais emprega, tem uma participação no emprego total bem menor que a registrada em nível nacional. Em nível nacional, o setor de serviços detém mais da metade dos empregos formais: 21 milhões de trabalhadores. Em Santa Catarina representa 39,9% e em Criciúma 42% do total de empregos.

Para os três níveis de observação, na segunda posição está a indústria, que representa 28% dos empregos formais em Criciúma e 33,6% em Santa Catarina. Participações bastante superiores à média nacional: 19,7%. Logo a seguir vem o comércio. A construção civil ocupa o penúltimo lugar.

Essas considerações estão assentadas em dados relativamente estáticos. Representa uma fotografia do mercado de trabalho em janeiro do corrente ano, não possibilitando por si só atender plenamente ao objetivo maior deste artigo, que é observar comparativamente o impacto da atual crise financeira sobre a evolução do saldo de empregos com ênfase para a indústria nas esferas nacional, estadual e local.

A tabela 02 registra a evolução do saldo total de empregos nos níveis nacional, estadual e local ao longo desses vinte e seis meses, considerando-se dois períodos: (i) dezembro de 2007 a dezembro de 2008 e (ii) janeiro de 2009 a janeiro de 2010. O primeiro período se inicia em dezembro de 2007, compreendendo um momento de elevado crescimento econômico até setembro de 2008, quando a crise se cristaliza, e termina em dezembro desse mesmo ano. O segundo período diz respeito aos treze meses seguintes, que vão de janeiro de 2009 a janeiro de 2010.

Tabela 02 – Evolução do saldo de empregos no mercado formal nacional, estadual e local de dezembro de 2007 a janeiro de 2010

Competência	Brasil	Santa Catarina	Criciúma
Período 1			
12_2007	-319.414	-14.977	-552
01_2008	142.921	17.552	118
02_2008	204.963	12.949	134
03_2008	206.556	5.904	325
04_2008	294.522	7.587	576
05_2008	202.984	4.183	111
06_2008	309.442	8.641	333
07_2008	203.218	7.585	152
08_2008	239.123	12.151	365
09_2008	282.841	12.374	247
10_2008	61.401	8.976	191
11_2008	-40.821	3.847	266
12_2008	-654.946	-27.843	-630
Sub total	1.132.790	58.929	1.636
Período 2			
01_2009	-101.748	6.407	-91
02_2009	9.179	5.674	49
03_2009	34.818	-293	279
04_2009	106.205	836	464
05_2009	131.557	-2.072	-52
06_2009	119.495	1.121	131
07_2009	138.402	5.183	127
08_2009	242.126	11.988	327
09_2009	252.617	12.717	158
10_2009	230.956	16.142	350
11_2009	246.695	17.847	454
12_2009	-415.192	-24.536	-387
01_2010	181.419	19.290	304
Sub total	1.176.529	70.304	2.113
Total	2.309.319	129.233	3.749

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CAGED e da RAIS.

Dezembro é tradicionalmente um mês que registra saldo negativo de emprego, pois à exceção do comércio, os demais setores geralmente ficam deficitários na contratação de pessoal. Ao longo de 2008 até o surgimento com mais intensidade da atual crise, o saldo de empregos foi positivo até outubro. Nesse mês o ritmo na geração líquida de empregos perdeu força em relação ao comportamento do mercado de trabalho dos meses anteriores, para logo em seguida ficar deficitário no plano nacional, situação

que perdurou até janeiro de 2009. Nos níveis estadual e local o déficit líquido de empregos em 2008 chegou mais tarde, apenas em dezembro.

Os dados da tabela 2 mostram de forma irrefutável que a intensidade da crise foi sentida fortemente no mercado de trabalho. No Brasil, entre janeiro e outubro de 2008 foram agregados 2,147 milhões de empregos ao estoque de empregos de 2007. Entretanto, o ano terminou com 1,452 milhão de empregos líquidos. Ou seja, em apenas dois meses, novembro e dezembro, houve a eliminação líquida de praticamente 700 mil empregos formais no país. Em Santa Catarina e Criciúma essa destruição não ocorreu nas mesmas condições. Foi mais suave. No total, nos dois últimos meses de 2008, foram 24 mil empregos líquidos perdidos em Santa Catarina e 364 em Criciúma.

Enquanto em nível nacional o saldo líquido de empregos em dezembro de 2007 foi negativo em 319 mil postos de trabalho, no mesmo mês do ano seguinte esse déficit mais que dobrou, alcançando a perda líquida de 694 mil empregos. Para cada emprego líquido perdido em dezembro de 2007 no mercado de trabalho nacional, se perdeu 2,05 em dezembro de 2008. Em Santa Catarina essa proporção ficou em 1,85 e em Criciúma 1,14. Nesse ponto aparece certa sinalização de que no seu momento mais agudo, de maneira geral a crise não atingiu o espaço nacional, estadual e local de forma idêntica. O mesmo fenômeno se manifesta no período seguinte: janeiro de 2009 a janeiro de 2010.

Cabe aqui observar que para um país que precisa criar novas oportunidades de trabalho a fim de absorver a população que ingressa na categoria de população economicamente ativa, o fechamento de postos de trabalho de maneira duradoura cria fortes tensões sociais. Embora não faça parte dos objetivos deste artigo entrar nessa discussão, assim como no debate a respeito das políticas anticíclicas adotadas pelo governo para se contrapor à tendência recessiva resultante da atual crise financeira, ressalta-se que as medidas adotadas voltadas ao fortalecimento do mercado interno foram exitosas. Aliás, desde a Segunda Guerra Mundial “...a intervenção econômica do Estado assumiu o nome de *política econômica*. O Estado passou a ter maior significância, não mais somente em tempos de guerra contra o inimigo e sim em tempos de paz para assegurar o crescimento econômico”. (BRUNHOFF, 1991, p.22).

O uso combinado e articulado de vários instrumentos de política econômica como a redução do *superávit* primário e das taxas de juros, a ampliação de crédito pelo sistema financeiro público e a elevação do salário mínimo dentre outras medidas,

embora não no ritmo necessário para um país com população jovem, representou um conjunto de medidas reconhecidamente acertado.

Mesmo assim, no plano nacional, o saldo líquido de empregos permanece negativo no primeiro mês de 2009, indicando que seria um ano de grandes dificuldades econômicas. O que acabou de certa forma se concretizando, com um crescimento de negativo de 0,2 % do PIB. Com janeiro de 2009 agregado aos dois últimos meses de 2008, foram três meses consecutivos com destruição líquida de empregos. Em Santa Catarina a situação foi mais tranquila. Embora em escala menor que 2008, mas diferentemente do ocorrido em nível nacional, em janeiro de 2009 o estoque de empregos aumentou pelo acréscimo de 6.407 trabalhadores. Para Criciúma o quadro foi de maior dificuldade. O ano de 2009, à semelhança do ocorrido em nível nacional, começou destruindo empregos.

No período 2, que corresponde aos últimos treze meses de observação, o Brasil perdeu empregos líquidos em apenas duas oportunidades: janeiro e dezembro de 2009. Santa Catarina em três ocasiões: março, maio e dezembro de 2009. Criciúma também em três momentos: janeiro, maio e dezembro de 2009. Interessante se observar, que entre dezembro de 2007 e dezembro de 2008, mês que a crise registrou seu ponto de maior inflexão na produção industrial e no mercado de trabalho, o saldo de empregos para esse primeiro período terminou positivo: Brasil 1,132 milhão de novos empregos; praticamente 59 mil em Santa Catarina; e 1,6 mil em Criciúma.

No período seguinte, janeiro de 2009 a janeiro de 2010, com o arrefecimento gradual da crise, houve melhora nos planos nacional, estadual e local, mas não na mesma proporção. Para esse segundo intervalo, no Brasil o saldo foi de 1,176 milhão de novas vagas, um acréscimo de 3,86% sobre o saldo dos treze meses imediatamente anteriores. Em Santa Catarina foram 70.304 novas vagas, variando 19,3%. Para Criciúma a variação foi mais significativa: 29,1%. Encerra-se o presente tópico com o reconhecimento que, de modo geral, a recuperação de empregos em Criciúma foi mais rápida que a estadual e esta mais veloz que a nacional. Diz-se de modo geral, porque na indústria a situação é outra, conforme está apresentado logo a seguir.

3. Mercado de trabalho na indústria: Brasil, Santa Catarina e Criciúma

A atual crise econômica mostra sua face de maneira distinta quando se compara o mercado de trabalho nacional com o de Santa Catarina e de Criciúma, instigando mais pesquisas. Para cada setor, subsetor e segmento econômico o mercado do trabalho se

manifesta distintamente. Na presente seção estão os dados mais recentes da evolução do mercado de trabalho na indústria em geral, sem considerar qualquer taxonomia como, por exemplo, a da OCDE (2010) que classifica a indústria por intensidade tecnológica: alta, média alta, média baixa e baixa. Os números da tabela 3 evidenciam que o comportamento do emprego na indústria, guarda relativa semelhança para os níveis nacional, estadual e local no primeiro período: dezembro de 2007 a dezembro de 2008.

Tabela 03 – Evolução do saldo de empregos na indústria nacional, estadual e local de dezembro de 2007 a janeiro de 2010

Competência	Brasil	Santa Catarina	Criciúma
Período 1			
12_2007	-142.592	-7.308	-230
01_2008	61.151	4.435	84
02_2008	48.627	4.701	72
03_2008	43.264	4.891	175
04_2008	86.414	3.600	259
05_2008	39.273	2.141	49
06_2008	54.828	3.418	63
07_2008	40.065	4.004	98
08_2008	57.275	3.610	97
09_2008	116.529	3.486	-31
10_2008	8.147	275	15
11_2008	-82.921	-4.347	27
12_2008	-277.341	-13.919	-318
Sub total	52.719	8.987	360
Período 2			
01_2009	-54.876	-3.112	-137
02_2009	-56.354	-433	-91
03_2009	-35.267	52	-47
04_2009	175	-1.406	100
05_2009	1.137	-1.047	-30
06_2009	2.778	-345	-48
07_2009	19.949	2.831	32
08_2009	67.732	3.761	10
09_2009	122.411	4.730	-50
10_2009	76.594	4.885	83
11_2009	40.871	2.866	23
12_2009	-167.265	-10.462	-205
01-2010	72.650	6.293	146
Sub total	90.535	8.613	-214
Total	143.254	17.600	146

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CAGED e da RAIS.

No período seguinte o comportamento se altera. Enquanto em nível nacional a indústria registra um desempenho melhor do emprego no segundo período que no primeiro, para Santa Catarina o ritmo é mais lento e no nível local o saldo é negativo.

É uma situação curiosa. Primeiro porque conforme apresentado na tabela 2, de maneira geral se criou proporcionalmente mais empregos em Santa Catarina e Criciúma que em nível nacional no acumulado do segundo período frente ao acumulado do primeiro período. No consolidado de todos os setores, para corroborar, cada emprego líquido gerado no segundo período na comparação com o primeiro, tem as seguintes proporcionalidades: 1,03 no plano nacional, 1,19 em nível estadual e 1,29 para Criciúma.

Na indústria o comportamento foi outro. A razão do acumulado dos treze meses do segundo período em relação aos treze meses do primeiro período aponta para 1,71 emprego na indústria brasileira, enquanto que para a indústria catarinense a relação foi de 0,95. Na indústria de Criciúma a situação foi mais dramática: para cada emprego líquido criado pela sua indústria no primeiro período, se perdia 0,59 empregos no segundo. Significa que nesses vinte e seis meses de análise há um duplo descolamento do comportamento do emprego: (i) da indústria diante dos macro-setores econômicos e (ii) da indústria brasileira frente ao emprego na indústria catarinense e criciumense.

Mais pesquisas sobre a estrutura industrial podem ajudar a entender essa realidade, afinal em recente publicação o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI, 2010), que adota a taxonomia da OCDE ao classificar a indústria de acordo com a intensidade tecnológica registrou que:

As faixas que mais sofreram com o período de crise foram as de média-alta e média-baixa intensidade tecnológica. Por outro lado, ambas também lograram as maiores taxas positivas em dezembro de 2009: 42,2% e 19,4%, pela mesma ordem. O segmento composto por indústrias de alto conteúdo tecnológico presenciou declínio de 4,0% em 2009. A faixa de atividades de baixo conteúdo tecnológico, por sua vez, foi a que menos sentiu os reveses de fins de 2008 e começo do ano seguinte.

Em segundo lugar, instiga a curiosidade porque conforme também apresentado na seção anterior, o emprego na indústria catarinense contribui com 1/3 do total de trabalhadores formalmente empregados no estado, 28% em Criciúma e 19,7% em nível nacional. Importa dizer, que as indústrias de Santa Catarina e de Criciúma, que têm pesos maiores nas suas respectivas economias que a indústria nacional, tiveram pior

performance que esta diante da crise na variável emprego. Mesmo a indústria nacional gerando empregos mais rapidamente que a indústria estadual e a local no período 2, pós epicentro da crise, se verifica uma pequena queda na participação relativa dos trabalhadores da indústria em relação ao emprego total para o Brasil. Em 2007, os trabalhadores na indústria brasileira representavam 20,29% do total e 19,7% em 2010, uma retração de 0,59 pontos percentuais. As mesmas características se apresentam para Santa Catarina e Criciúma com quedas de: 1,39 ponto percentual e 1,64 ponto percentual respectivamente.

A despeito de a crise mostrar sinais mais fortes de surgimento a partir de setembro de 2008, este foi o mês que a indústria em nível nacional mais empregos líquidos gerou: 116 mil novos postos de trabalho. Provavelmente para atender aos pedidos feitos anteriormente em sua carteira comercial. Realizada a demanda acumulada e agora com ela em queda, no mês de outubro o saldo de empregos na indústria despencou, para ficar negativo de novembro de 2008 a março de 2009. Ao final, a indústria nacional encerrou esse primeiro período com saldo positivo: 52.719 empregos.

A indústria catarinense apresenta sinais de problemas no seu mercado de trabalho mais cedo que a nacional. A partir de agosto de 2008 a criação de empregos líquidos fica decrescente até negativar em novembro. Assim mesmo, de dezembro de 2007 a dezembro de 2008, que corresponde ao primeiro período da análise, a indústria catarinense também gerou um saldo positivo: quase 9 mil empregos formais. Para Criciúma o quadro é muito semelhante ao estadual. Em agosto começam as quedas no nível de emprego da indústria. Seu saldo fica negativo em setembro com uma pequena recuperação nos dois meses seguintes, para ficar negativo outra vez em dezembro. Mesmo assim o período de dezembro de 2007 a dezembro de 2008 também terminou positivo: 360 novos empregos.

Dezembro de 2008, que foi o pior mês da série dos vinte e seis meses pesquisados para este artigo, em relação ao mesmo mês do ano anterior, guarda para a indústria nacional um comportamento próximo com o da catarinense e distinto em relação a de Criciúma. Para cada emprego líquido destruído em dezembro de 2007 na indústria brasileira, em dezembro de 2008 se anulou 1,94 emprego. Em Santa Catarina a relação é de 1,90 e em Criciúma 1,38. A indústria criciumense nesse mês foi bem mais resistente à destruição líquida de empregos que a catarinense, e esta um pouco mais que a nacional.

No período seguinte o quadro da indústria nacional melhora. Se no primeiro período o saldo líquido ficou em 52.719 empregos, nos treze meses seguintes o saldo passou para 90.535 empregos. Apenas em janeiro de 2010 foram agregados 72 mil novos postos de trabalho pela indústria brasileira. As elevadas contratações na indústria nesse início de ano, sugerem estar o mercado brasileiro vivenciando a possibilidade da combinação de crescente demanda interna, associada a baixos estoques do comércio pelas vendas excepcionais de final de ano. Em se confirmando essa possibilidade, as boas taxas no nível de emprego deverão permanecer.

Para a indústria de Santa Catarina, o saldo de janeiro de 2009 a janeiro de 2010 com 8.613 novos empregos ficou aquém dos 8.987 empregos líquidos gerados nos treze meses anteriores. Em Criciúma a conjuntura foi ainda mais desfavorável. Entre janeiro de 2009 e janeiro de 2010 o saldo de empregos na indústria ficou negativo em 214 postos de trabalho, contra um saldo positivo de 360 empregos nos treze meses imediatamente anteriores.

Conforme já comentado no início da presente seção, os empregos na indústria nacional foram mais afetados no período de epicentro da crise, dezembro de 2007 a dezembro de 2008, que no período seguinte: janeiro de 2009 e janeiro de 2010. Para a indústria de Santa Catarina e de Criciúma o quadro foi outro. A indústria catarinense e criciumense vem criando empregos de maneira mais lenta no período pós crise, janeiro de 2009 a janeiro de 2010, que no período anterior: dezembro de 2007 a dezembro de 2008. Ou seja, no primeiro período, quando a crise mostra sua face mais nitidamente, na questão do emprego as indústrias de Criciúma e de Santa Catarina registraram desempenhos melhores que no período seguinte quando a recuperação estava em marcha.

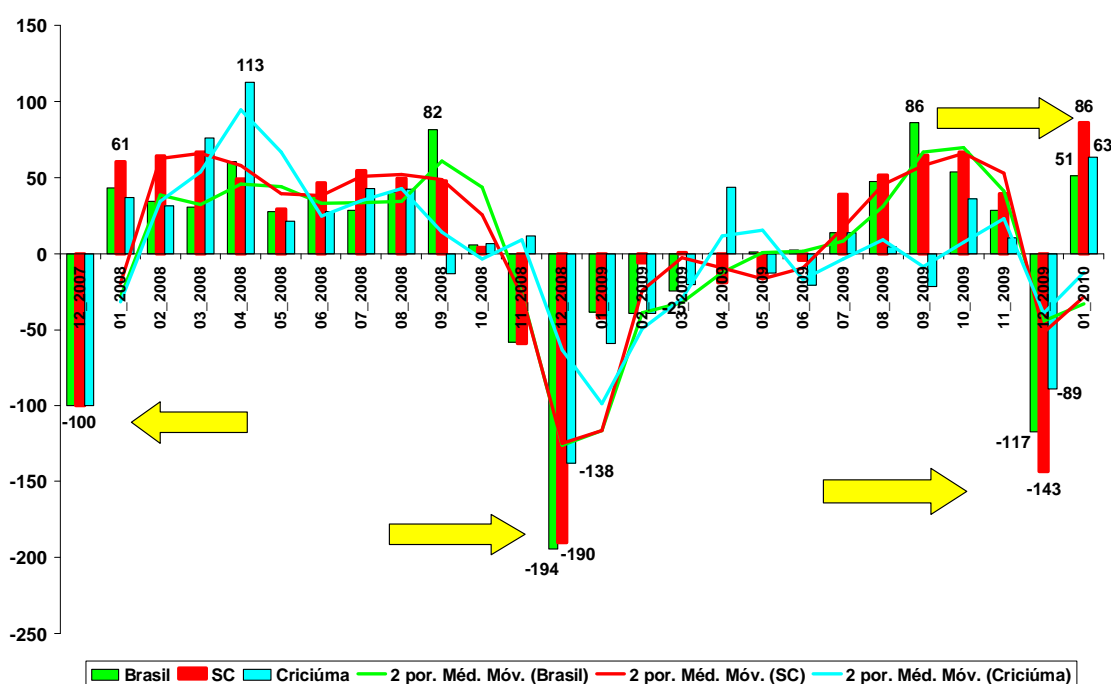
No gráfico 1 apresentado a seguir fica mais fácil a observação dessas evoluções. Considerando-se o saldo de empregos de dezembro de 2007 e calculando-se a média móvel desses saldos com intervalos de dois meses, tem-se uma melhor visão sobre os impactos da recente crise internacional no mercado de trabalho da indústria.

Com base nos dados da tabela 3, parte-se da base 100 em dezembro de 2007, quando os saldos de emprego na indústria nacional, estadual e local foram negativos, até se chegar a janeiro de 2010. Em sete ocasiões a indústria nacional tem saldos negativos de emprego. Da mesma maneira que nos níveis local e estadual, em nível nacional o pior momento é dezembro de 2008. A partir daí, a recuperação do emprego na indústria brasileira é mais rápida, sendo janeiro de 2010 o quinto melhor mês entre todos os

meses relacionados na série apresentada. O seu melhor momento é setembro de 2009 a atingir o índice 86 *vis-a-vis* dezembro de 2007.

Os empregos na indústria catarinense apresentaram saldos negativos em nove ocasiões. Sete dos oito meses compreendidos entre novembro de 2008 e junho de 2009 tiveram saldos negativos. Nesse pequeno intervalo a exceção foi março de 2009, com um saldo positivo de apenas 52 novos empregos. Entre os vinte e seis meses observados o melhor momento da indústria catarinense foi janeiro de 2010 com um índice de 86 *vis-a-vis* dezembro de 2007.

Gráfico 1 – Evolução dos saldos de emprego na indústria nacional, estadual e local de dezembro de 2007 a janeiro de 2010 (Base 100 – dezembro de 2007)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CAGED e da RAIS

Por sua vez, a indústria criciumense tem saldos negativos no emprego em dez dos vinte e seis meses pesquisados. Praticamente a metade do período objeto desse artigo. O momento mais crítico está entre dezembro de 2008 e junho de 2009. Nesses sete meses somente não ocorreu saldo negativo em abril. É interessante destacar, que entre os vinte e seis meses analisados o melhor momento de emprego na indústria de Criciúma foi abril de 2008, ou seja, antes da crise, com um índice de 113 *vis-a-vis* dezembro de 2007. É uma situação singular por duas razões. Primeiro porque para o Brasil e Santa Catarina

os melhores momentos de geração de empregos pela indústria se deram pós-crise. Em segundo lugar, porque também diferentemente do ocorrido nos cenários nacional e estadual, quando seus melhores índices ficaram aquém dos três dígitos, respectivamente 86 e 85, no nível local o emprego na indústria alcançou 113 pontos.

Se o mercado de trabalho em geral tem um comportamento distinto do da indústria, quando se compara o emprego nos níveis nacional, estadual e local, na indústria de transformação a situação também é outra. É o que aponta o levantamento apresentado para a seção seguinte.

4. Mercado de trabalho na indústria de transformação: Brasil, Santa Catarina e Criciúma

O comportamento do mercado de trabalho na indústria de transformação registrado na tabela 4, ajuda a explicar o comportamento do emprego da indústria em geral. Conforme observado anteriormente, o mercado de trabalho considerando-se a totalidade dos cinco macro-setores econômicos assim classificados pelo IBGE, tem nos níveis local e estadual melhor desempenho que o nacional no comparativo do segundo período da análise com o primeiro. Ao se observar especificamente a indústria o comportamento é outro. No segundo período a indústria nacional cria empregos mais rapidamente que as indústrias de Santa Catarina e de Criciúma.

Em nível nacional, no período 1, a indústria de transformação vinha bem até setembro de 2008. O saldo de empregos despencou em outubro para iniciar em novembro uma série de saldos negativos que perduraram até março de 2009. Foram cinco meses consecutivos com demissões ultrapassando as admissões. No entanto esse primeiro período em nível nacional termina com saldo positivo de 35,7 mil empregos na indústria de transformação.

A retomada da confiança, embora lenta, gradativamente melhora no segundo semestre. Os meses de setembro de 2009 e janeiro de 2010 registraram excelente performance no emprego para a indústria de transformação. Os treze meses do segundo período terminam com um saldo de 79,7 mil novas vagas na indústria de transformação. Para o saldo de cada emprego agregado ao mercado de trabalho pela indústria de transformação em nível nacional no período 1, se alcançou 2,23 novos empregos no segundo período. Para a indústria de transformação de Santa Catarina esse primeiro período também veio bem até setembro, para cair vertiginosamente em outubro. Nos meses seguintes até fevereiro de 2009 foi uma série de saldos negativos, porém também

encerrando esse primeiro período com saldo positivo de 7,3 mil novos empregos na indústria de transformação.

Tabela 04 – Evolução do saldo de empregos na indústria de transformação nacional, estadual e local de dezembro de 2007 a janeiro de 2010

Competência	Brasil	Santa Catarina	Criciúma
Período 1			
12_2007	-142.972	-7.485	-235
01_2008	59.045	4.312	64
02_2008	46.812	4.706	42
03_2008	40.389	4.931	141
04_2008	82.740	3.545	252
05_2008	36.701	2.014	50
06_2008	52.214	3.212	72
07_2008	37.495	3.641	47
08_2008	54.576	3.377	101
09_2008	114.002	3.411	-16
10_2008	8.730	202	37
11_2008	-80.789	-4.529	5
12_2008	-273.240	-13.939	-307
Sub total	35.703	7.398	253
Período 2			
01_2009	-55.130	-3.325	-151
02_2009	-56.456	-610	-95
03_2009	-35.775	159	-68
04_2009	183	-1.549	91
05_2009	700	-1.122	-37
06_2009	2.001	-213	20
07_2009	17.354	3.084	84
08_2009	66.564	4.053	40
09_2009	123.318	4.815	-16
10_2009	74.552	4.936	138
11_2009	39.594	2.720	17
12_2009	-166.040	-10.574	-196
01-2010	68.920	6.194	133
Sub total	79.785	8.568	-40
Total	115.488	15.966	213

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CAGED e da RAIS

No segundo período, o comportamento do emprego na indústria de transformação catarinense é semelhante ao registrado em nível nacional apenas pelo fato de também terminar com saldo positivo: 8.568 novas vagas. O ritmo, porém é muito mais lento. Enquanto no nível nacional a proporção foi de 2,23 novos empregos, no segundo

período em relação ao primeiro a proporção cai quase pela metade para ficar em 1,15 apenas.

A indústria de transformação de Criciúma tem um comportamento mais irregular que o da estadual e da nacional. O primeiro saldo negativo já surge em setembro de 2008, com uma pequena melhora nos dois meses seguintes. Esse saldo volta a ficar negativo em dezembro, situação que somente se reverte em abril de 2009. Da mesma forma que em nível nacional e estadual, seu saldo para o primeiro período também encerra positivamente: 253 novos empregos na indústria de transformação. Se a indústria de transformação de Criciúma tem um comportamento mais irregular que a nacional e estadual no primeiro período da análise, no segundo destoa completamente, inclusive encerrando com saldo negativo: -40 empregos.

É uma situação contraditória e preocupante para a indústria local. Contraditória porque de modo geral ao se considerar o conjunto da economia, o desempenho do mercado de trabalho local é melhor que o estadual e este que o nacional. Preocupante, não só porque na indústria o comportamento é outro com mais ênfase para a de transformação, mas também porque de acordo com o IEDI, a indústria de baixo conteúdo tecnológico foi a que menos sentiu os reveses de fins de 2008 e mais lentamente se recuperou no derradeiro trimestre de 2009. Ou seja, quando se considera o peso da indústria por intensidade tecnológica a indústria de transformação local acompanha o ritmo da indústria de baixa intensidade tecnológica.

Embora não faça parte dos propósitos deste artigo, vale observar que talvez esteja nesse aspecto a razão principal que ajuda a explicar o comportamento descolado que tem a indústria local da estadual e esta da nacional. Por conseguinte fica registrada a recomendação para novas pesquisas nessa área.

5. Considerações finais

A recente crise financeira internacional que se precipitou a partir dos Estados Unidos, atingiu mais fortemente o Brasil depois de setembro 2008. Desde então seus reflexos ainda são fortemente sentidos, com a economia apresentando crescimento negativo de 0,2% do seu PIB em 2009. As dificuldades econômicas derivadas da crise impactaram em cheio o mercado de trabalho no país que vinha em bom ritmo, reduzindo sensivelmente o estoque de desemprego. O impacto só não foi pior, porque no interregno de tempo entre os primeiros sinais concretos de expectativa negativa para o PIB e a decisão do empresário na efetivação de demissões em massa, conforme

preconizado por Offe (1989), foi rápida a intervenção governamental com medidas anti-cíclicas para evitar o agravamento da situação.

Os reflexos da crise no mercado de trabalho se mostram de formas distintas, quando se comparou a geração de empregos líquidos no Brasil, em Santa Catarina e em Criciúma para: os macro-setores econômicos, a indústria e a indústria de transformação.

Em nível geral, no comparativo do segundo período (janeiro de 2009 a janeiro de 2010) com o primeiro (dezembro de 2007 a dezembro de 2008), o saldo de emprego na economia brasileira representado pelo somatório dos macro-setores econômicos apresentou uma evolução mais lenta que a de Santa Catarina e esta que a de Criciúma. Enquanto no Brasil no segundo período se criava 1,03 para cada emprego gerado no primeiro período, em Santa Catarina a proporção foi de 1,19 e em Criciúma 1,29. Dito de outra forma, a economia de Criciúma vem apresentando pós crise mais forças para criar empregos que a economia estadual e esta que a nacional.

Na observação do mercado de trabalho da indústria, o quadro se inverte radicalmente. Para cada emprego gerado pela indústria brasileira no acumulado do primeiro período, no segundo a indústria nacional criou 1,71 emprego. Para a indústria catarinense a relação foi de 0,95. Ou seja, o segundo período sequer manteve a performance do primeiro. Na indústria de Criciúma a situação foi muito pior: para cada emprego líquido criado pela sua indústria no primeiro período, se perdia 0,59 empregos no segundo. Ou seja, perda líquida de emprego na indústria de Criciúma.

O mesmo fenômeno se repete para a indústria de transformação, que em nível nacional registrou a proporção de 2,23 novos empregos no segundo período em relação ao primeiro. De onde se deduz que a indústria de transformação brasileira tem maior dinamismo na geração de emprego que sua indústria em geral. Para o emprego na indústria de transformação de Santa Catarina essa proporção é de apenas 1,15. Sua indústria de transformação também registra melhor desempenho na geração de emprego do que o consolidado de seus setores industriais.

Para Criciúma as consequências da crise no mercado de trabalho da indústria de transformação foram agudos, porém não com a mesma magnitude que a média de sua indústria. Conforme apresentado logo acima, enquanto se perdeu 0,59 empregos no segundo período para cada emprego gerado no primeiro, na indústria de transformação a razão caiu para 0,15.

Referências

ABDIB, Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de base. Disponível em: http://www.abdib.org.br/arquivos_analise_estudos/21_pressind%C3%BAstriacrisis.pdf. Acesso em 22. Fev. 2010.

ASSIS, José Carlos de. **A superação da crise pelo pleno emprego**. In: Dossiê da Crise. Novembro de 2008. Disponível em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossiecrise.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2010.

BLANCO, Ramon. **Uma crise dentro da crise financeira: a questão dos empregos**. Revista Autor. Abril de 2009. Disponível em: http://www.revistaautor.com/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=408. Acesso em: 10 mar. 2010.

BRUNHOFF, Suzanne de. **A hora do mercado: crítica ao liberalismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991. 182p.

IEDI, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial. **Da Crise à Recuperação: A Indústria Brasileira Segundo a Intensidade Tecnológica em 2009**. In: Carta IEDI n.º 406. Disponível em <http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe>. Acesso em 08 mar. 2010.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Crise internacional: impactos sobre o emprego no Brasil e o debate para a constituição de uma nova ordem global**. In: Comunicado da Presidência n.º 21. Abril de 2009. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/comunicado_presidencia/09_04_29_Comunica_Presi_21_Crise_Empregos.pdf. Acesso em: 11 jun.2009.

Ministério do Trabalho e Emprego. **Relatório Anual de Informações sociais – RAIS**. 2010.

OCDE, Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômicos. **Directorate for Science, Technology and Industry**. In: <http://financasfaceis.files.wordpress.com/2009/10/stan-indicators-2005-edition.pdf>. Acesso em: 08 mar.2010

OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**. São Paulo: Brasiliense, 1989. 322p.

SICSÚ, João. **Para além das políticas de resgate**. In: Dossiê da Crise. Novembro de 2008. Disponível em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2010.

TAVARES, Maria da Conceição. **A crise financeira: duração e impacto no Brasil e na AL**. Junho de 2009. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16019 Acesso em: 7 mar.2010.